

Samuel de Souza Matos  
Geralda de Oliveira Santos Lima

## REFERENCIAÇÃO, ARGUMENTAÇÃO E PRÁTICAS SOCIOPOLÍTICAS: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DE UM ATIVISTA LGBT DE ARACAJU

### RESUMO

Na sociedade contemporânea, o crescente debate sobre direitos humanos LGBT, diversidade sexual e de gênero e combate à LGBTfobia levanta questões importantes sobre o papel e o funcionamento da linguagem nas práticas sociopolíticas de ativistas sociais. Discutimos, neste artigo\*, sobre a construção do *ethos* do ativista LGBT da cidade de Aracaju/SE no que tange ao diálogo entre estudos da Referenciação (Mondada; Dubois, 2003) e da argumentação retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996). Constatamos, assim, que no texto analisado os resultados apontam para uma articulação entre processos referenciais (introdução referencial, anáforas e dêixis) e lugares retóricos, estratégias essas atreladas aos contextos situacional e sócio-histórico amplo das lutas de ativistas LGBT.

**Palavras-chave:** Referenciação. Argumentação. Ativista LGBT.

\* Este trabalho trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado ainda em andamento: “Imagens discursivas de ativistas LGBT: processos referenciais e estratégias argumentativas em sua construção” (PPGL/UFS/CAPES).

## **REFERENTIATION, ARGUMENTATION AND SOCIOPOLITICAL PRACTICES: BUILDING THE ETHOS OF AN LGBT ACTIVIST FROM ARACAJU**

### **ABSTRACT:**

In contemporary society, the growing debate about LGBT human rights, sexual and gender diversity, and the fight against LGBT phobia raises important questions about the role and functioning of language in the sociopolitical practices of social activists. In that context, we discuss, in this paper, about the construction of the ethos of the LGBT activists of Aracaju/SE regarding the dialogue between studies of Referentiation (Mondada; Dubois, 2003) and rhetorical argumentation (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996). Thus, we find that in the analyzed text the results point to an articulation between referential processes (referential introduction, anaphora and dixis) and rhetorical places, strategies linked to the broad situational and socio-historical contexts of LGBT activist struggles.

Keywords: Referentiation; Argumentation; LGBT activist.

## **REFERENCIACIÓN, ARGUMENTACIÓN Y PRÁCTICAS SOCIOPOLÍTICAS: CONSTRUYENDO EL ETHOS DE UN ACTIVISTA LGBT DE ARACAJU**

### **RESUMEN:**

En la sociedad contemporánea, el creciente debate sobre los derechos humanos LGBT, la diversidad de género y sexual, y la lucha contra la fobia LGBT plantea preguntas importantes sobre el papel y el funcionamiento del lenguaje en las prácticas sociopolíticas de los activistas sociales. En este sentido, discutimos, en este artículo, sobre la construcción del ethos del activista LGBT de la ciudad de Aracaju/SE con respecto al diálogo entre los estudios de referencia (Mondada; Dubois, 2003) y la argumentación retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996). Por lo tanto, encontramos que en el texto analizado los resultados apuntan a una articulación entre procesos referenciales (introducción referencial, anáfora y dixis) y lugares retóricos, estrategias vinculadas a los amplios contextos situacionales y sociohistóricos de las luchas activistas LGBT.

Palabras clave: Referenciación; Argumentación; Activista LGBT.

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta investigação, somos adeptos da compreensão de que a linguagem assume um papel relevante no contexto sociopolítico de lutas de “minorias” LGBT’s, e que a pesquisa acadêmica fortalece discussões problemáticas atuais, deslocando sujeitos marginalizados socialmente para lugares de maior visibilidade. Assim, nosso objetivo aqui é analisar, no depoimento de um ativista LGBT de Aracaju/SE, o modo como processos referenciais e estratégias argumentativas contribuem para a construção de sua imagem discursiva (*ethos*).

O nosso interesse pela análise de textos produzidos por ativistas LGBT se justifica pelo fato de, nos últimos anos, os debates sobre diversidade sexual e de gênero, combate à LGBTfobia e a luta pelos direitos humanos LGBT terem repercutido massivamente em diversos espaços sociais, sobretudo na mídia e na comunidade acadêmica. Por outro lado, encontramos, no conjunto de estudos atualmente publicados em Linguística Textual (doravante LT), várias lacunas acerca da abordagem de textos produzidos por ativistas LGBT no que tange ao diálogo teórico-metodológico entre a referenciação (Mondada; Dubois, 2003) e as estratégias argumentativas da Argumentação Retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996).

No âmbito da LT, a referenciação é a teoria que lida com o pressuposto de que a linguagem não designa uma mera cópia da realidade, mas pode transformá-la em função de objetivos comunicativos, interacionais e sociais. Já no campo da argumentação retórica, o trabalho que sujeitos podem realizar com/pela linguagem permite estabelecer debates, discussões e diálogos que visam persuadir e convencer quanto à defesa de pontos de vista, argumentos, crenças, ideologias e valores socialmente construídos. *Grosso modo*, ambas teorias comungam do pressuposto básico de que a interação textual-discursiva abarca a (re)elaboração da realidade mediante as posições discursivas dos sujeitos no mundo (LIMA, 2018). Os textos são permeados por saberes, visões e objetivos comunicativos distintos via processos referenciais e direcionamentos argumentativos.

Neste estudo, focalizamos o orador (ativista LGBT) que elabora seu discurso persuasivo em face de um auditório particular (pesquisador), tendo em vista os contextos situacional e sócio-histórico, as expectativas e os conhecimentos partilhados. Acreditamos que é no domínio do preferível e seus respectivos valores, hierarquias, lugares e argumentos que se constroem as imagens discursivas nos textos argumentativos e persuasivos dos/as ativistas LGBT, ganhando maior força persuasiva quando são utilizados em associação com os processos referenciais (introdução referencial, anáfora e dêixis). Reconhecemos que o diálogo entre esses dois campos pode ser desenvolvido porque consideramos a linguagem como forma de interação, negociação e (re)nomeação do real, e o contexto sociocognitivo e as estratégias argumentativas como fontes de recursos para o convencimento e a persuasão.

Dividimos o trabalho em três principais seções, além da Introdução e Considerações Finais: (i) discussão sobre a concepção de texto e processos referenciais na perspectiva sociocognitivo-interacional em LT; (ii) considerações sobre a teoria da argumentação retórica e a questão do *ethos*; (iii) análise da construção do *ethos* via depoimento de um ativista LGBT de Aracaju.

## 2 O TEXTO E OS PROCESSOS REFERENCIAIS NA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVO-INTERACIONAL

Esse paradigma epistemológico vem predominando nos estudos em LT dos anos 90 para cá. O seu foco recai sobre as relações entre texto, cognição e práticas sociais. Questões estas centradas no processamento textual, na produção/compreensão, no uso de sistemas de conhecimento e estratégias sociocognitivo-interacionais, referenciação, inferenciação, hipertextualidade, multimodalidade, dentre outros fatores. Nessa perspectiva, o texto é definido como uma *atividade sociointerativa, situada* (MARCUSCHI, 2008). Em outros termos, para esse estudioso, não sendo uma unidade formal da língua como, por exemplo, o morfema, o sintagma e a frase, o texto é *uma unidade comunicativa* (um evento) e *uma unidade de sentido* realizada tanto no nível do uso como no nível do sistema.

Com base em Beaugrande (1997), acredita Koch (2009) que, nessa concepção, o texto é *o lugar da interação social*, no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais. No influxo dessas questões, a noção de língua é “um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas”, e o sujeito é “aquele que ocupa um lugar no discurso e que se determina na relação com o outro” (Marcuschi, 2008, p. 70). Os sujeitos se constroem ao reconstruírem sentidos sobre a língua e o mundo. Isso significa dizer que uma análise textual em LT deve situar a relação entre as formas da língua e seus usos e funções, e o sujeito social não pode ser encarado nem como “assujeitado nem totalmente individual e consciente, mas produto de uma clivagem da relação entre linguagem e história” (Marcuschi, 2008, p. 70).

Nesse sentido, as práticas sociais realizadas por meio de textos têm como pano de fundo o contexto sociocognitivo. Koch e Elias (2011) afirmam que, com essa perspectiva nos estudos do texto, ganham destaque, primeiramente, o contexto imediato (situação comunicativa) e, posteriormente, o contexto mediato (entorno sócio-histórico-cultural). Tal bifurcação do contexto sociocognitivo, a nosso ver, não deve privilegiar apenas um ou outro caminho, mas considerar de forma equivalente tanto o contexto imediato quanto o contexto mediato, visto que assumimos o pressuposto de uma atividade interacional como prática social não apenas localmente emergente e situada, mas contextualmente incorporada (Hanks, 2008). Quer no ato de produção textual, quer no ato de compreensão, os sujeitos sociais agem de forma sistematizada e orientada por propósitos comunicativos, conhecimentos prévios e imposições/restrições socioculturais (Bentes; Rezende, 2017). No processo de produção textual, por exemplo, segundo Koch e Elias (2011), o sujeito leva em consideração

um objetivo comunicativo, um quadro espaço-temporal e recorre a várias estratégias para elaborar seu projeto de dizer, tendo em vista um ouvinte/leitor específico ou universal/idealizado.

Sendo a língua uma forma de ação (Marcuschi, 2008) sobre o mundo e o sujeito aquele que dispõe de atributos conscientes e inconscientes nas práticas sociais (Cavalcante, 2016), o texto pode ser percebido como um evento comunicativo complexo e dinâmico que se constrói por mecanismos linguísticos (ou não), cognitivos, sociais, interacionais, culturais, históricos e discursivos. Por essa razão, interessa para a LT, de base sociocognitivo-interacional, uma análise que valorize tanto aspectos formais (cotextuais) quanto aspectos funcionais (contextuais). Dito de outro modo, nas análises textuais, devem-se abordar fenômenos da língua que só se efetivam na relação do sujeito com o mundo, com a realidade social. Isso significa que nenhuma análise em LT deve ser feita sem considerar o par cotexto-contexto.

No bojo das relações sociais, as condições contextuais possibilitam a (re)construção textual/discursiva mediante uma gama de visões, crenças, ideologias e valores particulares dos sujeitos. A dinamicidade, a interação, os fatores linguísticos e extralinguísticos e os efeitos de sentido, os quais os textos nas práticas sociais mobilizam, têm muito a nos dizer sobre o modo como a realidade é construída e reconstruída. Assim, defendemos que os usos linguísticos, ao desempenharem papel intrínseco nos assuntos humanos (Martins, 2011), revelam uma opacidade constitutiva. Para Marcuschi (2007, p. 64-65), “a maneira como nós dizemos as coisas aos outros é decorrência de nossa atuação linguística [...]. O mundo comunicado é sempre fruto de uma ação cognitiva e não de uma identificação de realidades discretas apreendidas diretamente”. Esse é um pressu-

posto básico da teoria da referenciação, pois, segundo esse linguista, qualquer ato de linguagem, efetuado por sujeitos sociais, interativamente, requer a assunção não de objetos de mundo, mas de *objetos de discurso* (MONDADA; DUBOIS, 2003).

O estudo dessas pesquisadoras é um dos trabalhos seminais da teoria da referenciação. Para elas, o termo *referenciação* se reporta ao estudo de atividades humanas, cognitivas e linguísticas, que atribuem sentido ao mundo por meio de práticas intersubjetivas, condições de pontos de vista, maleabilidade contextual e múltiplas versões da realidade. Consoante esse fundamento, as categorias e objetos de discurso são assinalados por “uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17). Nesse sentido, os objetos de discurso (referentes) sofrem modificações tanto por variações contextuais quanto pelas constantes reavaliações negociadas e efetuadas pelos sujeitos nas práticas textuais e sociais.

Cavalcante (2012), adepta do postulado de Mondada e Dubois (2003) e da perspectiva de Koch (2009), apresenta três características básicas do fenômeno da referenciação: (i) elaboração da realidade; (ii) negociação entre interlocutores; (iii) trabalho sociocognitivo. Assim, a autora elabora uma definição geral para o fenômeno:

O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, **sociocognitivamente motivadas**, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de **elaborar as experiências vividas e percebidas**, a partir **da construção compartilhada** dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s). (CAVALCANTE, 2012, p. 113, grifos da autora).

Essa linguista mais adiante aponta a existência de três grandes processos referenciais: introdução (responsável pela apresentação de referentes novos no texto), anáfora

(responsável pela continuidade referencial do texto) e dêixis (responsável por demarcar as coordenadas de pessoa, de espaço e de tempo dos referentes no texto). No caso dos processos anafóricos, podemos apontar a anáfora direta/correferencial, indireta, encapsuladora (prospectiva ou retrospectiva), associativa, intertextual (CAVALCANTE, 2003), dentre outras. Daí podemos falar em recategorização referencial, isto é, quando, no texto, os referentes são transformados mediante o curso da interação, assumindo uma nova roupagem em termos de pontos de vista e readequação às condições contextuais instanciadas. Já a dêixis engloba dêixis pessoais, espaciais, temporais, discursivos, textuais, sociais e memoriais. Dessa forma, tais processos referenciais podem exercer várias funções discursivas tais como encapsulamento anafórico, recategorização metafórica, heterogeneidade enunciativa, orientação argumentativa, entre outras (CAVALCANTE, 2012).

Interessa-nos, também, neste trabalho, a questão da orientação argumentativa. Trata-se de um mecanismo eficaz mobilizado pela atividade referencial. No estudo de Santana (2015, p. 11), por exemplo, defende-se que, num contexto situacional, sociocultural e partilhado, o sujeito contribui para reelaborar, recategorizar a realidade “à medida que são escolhidos referentes e estratégias para convencer/persuadir seus pares por intermédio de um projeto intencional”. Isso revela que a atividade de referenciação pode estar atrelada significativamente ao processo argumentativo imbuído nas práticas sociais dos sujeitos da língua. Também, o estudo de Morais (2016) leva-nos a compreender uma inter-relação fundamental entre processos referenciais e o projeto de dizer persuasivo do sujeito, visto que, com base em várias porções cotextuais, as anáforas encapsuladoras resumem estágios de argumentos para a construção de sentidos do texto.

A atividade referencial é inerente ao funcionamento linguístico e textual, mas isso não significa que em todo e qualquer texto se farão presentes, necessariamente, todos esses processos referenciais, ou que haja, sempre, uma progressão referencial. Há textos, por exemplo, em que determinadas introduções de objetos de discurso aparecem apenas uma vez e jamais retornam ao cotexto

(superfície textual) em forma de anáforas. Noutros, todavia, a progressão referencial funciona como uma grande variedade de expressões anafóricas e dêiticas, pondo em funcionamento uma série de funções discursivas, as quais são relevantes para o projeto de dizer de quem interage. São imprevisibilidades e dinâmicas próprias do fenômeno da referenciação que tanto podem indicar os efeitos de sentido pretendidos pelos interlocutores quanto podem auxiliar ao analista do texto em seus propósitos de pesquisa.

### 3 A QUESTÃO DO ETHOS: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARGUMENTAÇÃO RETÓRICA

No campo dos estudos em argumentação, podemos encontrar três conceitos distintos e complementares de retórica. Primeiramente, para Aristóteles (s/d, I: 2), a retórica é entendida como “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão”. Em segundo lugar, há o conceito apresentado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), que afirmam que a retórica significa “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos a teses que se lhes apresentam ao assentimento”. Por último, o conceito de Meyer (1998, p. 18) compreende a retórica como uma “negociação da distância entre os homens a propósito de uma questão, de um problema”.

Diante desses três posicionamentos podemos concluir, de forma resumida, que a retórica se trata de uma teoria que permite aos agentes sociais, situados diante de uma questão polêmica, em um contexto enunciativo específico, a produção/interpretação de discursos persuasivos, por meio do debate e do “confronto das subjetividades” (FERREIRA, 2010, p. 12). Na vida em sociedade, os sujeitos procuram estabelecer normas de sobrevivência e regras sobre como devem agir em diversas situações diárias, nos demais setores da atividade humana. A linguagem é meio pelo qual todas essas ações são levadas a cabo, pois, não sendo possível a resolução de problemas que surgem por meio da força e violência, faz-se sempre necessário que vários acordos sejam produzidos e postos em funcionamento. A res-

peito disso, preconiza Ferreira (2010, p. 14): “Argumentar é o meio civilizado, educado e potente de constituir um discurso que se insurja contra a força, a violência, o autoritarismo e se prove *eficaz* (persuasivo e convincente) numa situação de antagonismos declarados”.

No âmbito comunicativo, então, os sujeitos encontram maneiras diversas de resolver problemas sociais, interacionais, culturais, históricos, econômicos, políticos, via linguagem. Nessa negociação, há sempre conflitos entre os interlocutores devido às suas paixões, aspirações, sentimentos, valores, convicções e visões de mundo, visto que cada um entra no jogo enunciativo e discursivo guiado por opiniões e objetivos específicos (MARIANO, 2016), tendo como pano de fundo um contexto retórico bem situado. Os pontos de vista existentes entre os sujeitos podem separá-los ou não, de tal modo que o texto em coconstrução é orientado ora para um polo, ora para outro, ou até para uma outra alternativa, visando a resolução de um conflito que emergiu. Dessa maneira, como apontam Ferreira (2010) e Fiorin (2018), há retórica e argumentação onde há democracia.

É nesse terreno em que habita a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Foram esses autores que resgataram e ampliaram a retórica aristotélica após vinte e três séculos de total desestabilização. Dentre suas várias contribuições à retomada da retórica nos dias de hoje estão a análise de textos não apenas orais, a decadência da “verdade absoluta”, a lógica dos julgamentos de valores, etc. A Nova Retórica afasta-se de uma concepção cartesiana racional-mecanicista e considera uma participação ampla dos sujeitos nos discursos argumentativos, em que os pontos de vista, os valores e os julgamentos não assumem uma racionalidade científica de base dedutiva, e as teses e os argumentos dos agentes sociais nunca são considerados absolutamente verdadeiros ou falsos.

Fundamentados nesse campo de investigação, Grácio e Mosca (2016) afirmam que os usos da linguagem estão associados a uma racionalidade argumentativa não enquanto uma lógica da verdade, mas como lógica do preferível. As opiniões ou pontos de vista enunciados

tratam-se de “verdades discursivas”, isto é, construções realizadas pelo orador/enunciador em uma determinada situação de interação. Vimos, na seção anterior, que a referenciação se trata de uma negociação, de uma elaboração da realidade por meio da linguagem. Com base nisso, percebemos que a construção argumentativa também opera com os mesmos princípios, visto que o conflito, a discussão e o debate estão em jogo na arte da “convivialidade” dentro da sociedade.

O *Tratado* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) cumpre o objetivo de expor as bases da argumentação e um conjunto de técnicas argumentativas utilizadas na busca de adesão dos espíritos. Interessa-lhes buscar uma solução para problemas que dividem o mundo. Na obra, a tese geral defendida é a de que questões formais e rigorosas não podem resolver questões polêmicas ou questões levantadas num espaço onde as soluções apontam para vários lados porque os sujeitos são distintos e múltiplos em seus posicionamentos, anseios, aspirações, desejos. Funcionam de modo específico os usos linguísticos de que se servem os sujeitos sociais diante de um problema a ser solucionado. Há espaço, no discurso retórico ou nos embates argumentativos, para o uso da razão e da emoção, elementos diretamente relacionados à persuasão e ao convencimento.

Em *Argumentação*, Fiorin (2018) afirma que o discurso retórico envolve a participação de pelo menos três fatores: enunciador (orador), enunciatário (auditório) e discurso (argumentação propriamente dita). São os elementos que compõem o triângulo retórico proposto inicialmente na retórica aristotélica e trazidos para o seio da Nova Retórica com algumas ressignificações teóricas. Toda argumentação envolve pelo menos uma dupla de sujeitos que interagem em face de uma questão polêmica: o orador e o auditório. A cada um desses três elementos corresponde uma simbolização diferente. Dessa maneira, Ferreira (2010) diz que o orador é simbolizado pelo *ethos*, assim como o auditório é simbolizado pelo *pathos* e o discurso pelo *logos*. O primeiro elemento diz respeito à construção das imagens discursivas no discurso argumentativo. Por sua vez, o segundo elemento concerne às paixões que são mobilizadas na configuração do discurso.

Na construção do discurso retórico ou da argumentação, o orador/enunciador constrói uma imagem de si, ou seja, cria-se um *ethos*, “um domínio”, “um nível”, “uma estrutura” (MEYER, 2007). Citando Aristóteles (I, II, IV) e Barthes (1975), preconiza Fiorin (2018) que o *ethos* é o caráter construído pelo orador no discurso para provocar confiança, credibilidade e boa impressão no auditório. Este autor, com base nos outros dois, ainda afirma que o *ethos* é uma conotação, uma imagem construída não no enunciado, mas na enunciação explicitada na maneira como o discurso é elaborado pelo orador, visto que aquilo que ele diz no discurso não serve como prova para a construção do *ethos*. Sendo assim, o *ethos* é composto por costumes, atitudes, opiniões e moralidade apresentados pelo enunciatário (FERREIRA, 2010).

Nessa perspectiva, Fiorin (2018) comenta que, para construir uma imagem de si, o orador pode apresentar basicamente três *ethé*, ou seja, há três tipos possíveis de *ethos*: (i) *phrónesis*: significa bom senso, ponderação, prudência, e as opiniões do orador são competentes e razoáveis; (ii) *areté*: quer dizer virtude (no sentido de qualidades distintivas de ser humano), coragem, justiça, sinceridade, e a apresentação do orador deixa transparecer simplicidade, sinceridade e franqueza; (iii) *eúnoia*: remete à benevolência e solidariedade, e a apresentação do orador revela simpatia pelo auditório.

Na modernidade, como aponta Ferreira (2010), o termo *ethos* sofreu uma ampliação, como dissemos anteriormente a respeito do aperfeiçoamento da retórica aristotélica. No caso do *ethos*, hoje, é entendido como “a imagem que o orador constrói *de si e dos outros* no interior do discurso” (Ferreira, 2010, p. 90, grifo do autor). Isso quer dizer que, durante o discurso retórico, o orador consegue construir pelo menos duas imagens: a de si mesmo e a do auditório ao qual se dirige. Assim, o orador, ao procurar persuadir o seu auditório, age estrategicamente, utilizando raciocínios e argumentos específicos condicionados pela imagem que constrói do seu enunciatário (FIORIN, 2018). É sobre essa construção de imagens que o orador vai construir a sua argumentação.

No momento em que inicia sua participação na interação, o orador precisa ter consciência, ainda que limitada e relativa, das condições postas no contexto e vinculadas ao estado de crenças e valores do seu auditório. Defende Amossy (2018, p. 54) que “a necessidade de se adaptar ao auditório [...] ou a importância concedida às opiniões do outro é uma condição *sine qua non* de eficácia discursiva”. Centrado no *mundo das verdades contingentes* (Ferreira, 2010), o orador deve agir levando em consideração as discordâncias relativas a conceitos, diferenças ideológicas, crenças antagônicas ou não, a depender da natureza do auditório ao qual direciona sua argumentação. Logo, é importante lembrar que em se tratando de uma atividade argumentativa, em que há plena coparticipação do orador e do auditório, isso quer dizer que um pode influenciar muito mais o outro, tendo em vista o poder de respostas mútuas e as imagens discursivas construídas durante ou após o discurso retórico. Essas questões trazidas pelo dialogismo bakhtiniano, por um lado, dizem muito sobre a ampliação da noção de *ethos* e a concepção de argumentação retórica na atualidade.

Como percebemos até aqui, a argumentação retórica e persuasiva pode levar a cabo quaisquer tipos de *ethé* e de auditório. As condições particulares em que surge o problema a ser resolvido ou a temática a ser debatida/discutida vão situar toda a elaboração do discurso. Nesse sentido, não é de qualquer maneira que o orador pode levar a cabo a sua argumentação. Além de construir uma imagem para si e uma imagem para o auditório, ele também pode se servir do apelo às paixões, às emoções do outro, com vistas a encontrar o caminho da persuasão. Referimo-nos ao *pathos* do auditório. A persuasão, que, segundo Ferreira (2010), diz respeito a mover pela emoção, compreende três ordens de finalidade: *docere*, *movere* e *delectare*. A *movere* está atrelada à persuasão pela apelação ao *pathos*. Quando um orador deseja persuadir seu auditório com base nas emoções, ele deixa de lado, pelo menos por um momento, o campo racional do discurso. Por esse prisma, na seção seguinte, mostraremos a construção do *ethos*, recorrendo a fatores de referenciação e de argumentação a partir da análise desenvolvida.

#### 4 CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DE UM ATIVISTA LGBT DE ARACAJU

O movimento LGBT, assim como outros movimentos sociais, tem por base um discurso centrado na diversidade e na igualdade de direitos civis e morais. As práticas sociais nas quais os/as ativistas se engajam politicamente condizem a espaços institucionais e/ou públicos onde pode sempre haver um público ouvinte que discorde, adira ou aumente a adesão mediante a apresentação dos pontos de vista e dos argumentos daqueles. Diante disso, pressupomos que o ativista LGBT, neste trabalho, constrói imagens discursivas de si, deixando marcas argumentativas no contexto (superfície textual), isto é, na configuração dos textos persuasivos que veiculam suas visões de mundo, valores, crenças, ideologias, conhecimentos e argumentos. Nessa concepção, os processos referenciais servem para introduzir e retomar objetos de discurso, lugares e argumentos, bem como para localizar enunciadores e realizar juízos de valor no tocante à construção dessas imagens discursivas do(a)s ativistas, fazendo o texto progredir e erigir uma proposta de sentido.

Para construir o *corpus* desta pesquisa, de caráter descritivo-qualitativo e interpretativista, fizemos 05 (cinco) entrevistas abertas com ativistas LGBT de Aracaju, registrando-as em um gravador de voz de telefone celular. No caso deste depoimento selecionado para a análise, neste artigo, os dados foram coletados no local de trabalho do informante (Diretoria de Direitos Humanos – DDH). A entrevista foi guiada por um roteiro de 07 (sete) questões, cujo objetivo central era investigar as pautas de lutas do ativista LGBT e de sua ONG LGBT, bem como suas formas de contribuição à população LGBT aracajuana. Foi informado ao entrevistado que essa seria a pauta da entrevista e o objetivo dizia respeito às ações executadas por sua entidade em prol dessa comunidade LGBT na capital sergipana e/ou no estado. Eis as questões do roteiro:

1. O que é ser LGBT, hoje, na sociedade aracajuana?
2. Em sua opinião, qual é a principal e atual pauta do movimento LGBT em Aracaju?
3. De que forma você contribui para esse movimento?

4. Como o movimento LGBT de Aracaju e/ou seu grupo têm combatido a LGBTfobia na cidade e/ou no estado de Sergipe?
5. Como e por que ocorre, hoje, a luta pela visibilidade trans no interior do seu grupo?
6. Como e por que ocorre, hoje, a luta pela conscientização de uma diversidade sexual e de gênero no interior do seu grupo?
7. Em sua opinião, quais seriam as próximas conquistas do movimento LGBT de Aracaju e/ou de Sergipe?

Vale mencionar que não faremos análise, aqui, de todas as respostas da entrevista, exceto daquelas que, a nosso ver, tenham chamado a nossa atenção para a construção do *ethos* do ativista. Daí o recorte do depoimento em quatro motes temáticos: (i) ser LGBT em Aracaju; (ii) combate à LGBTfobia; (iii) formas de contribuição do ativista para a população LGBT; (iv) acompanhamento sócio-jurídico às pessoas trans. O entrevistador/pesquisador e o entrevistado estão identificados, respectivamente, por “P” e “INF05”. Passemos, então, ao primeiro mote temático e seu respectivo fragmento do depoimento.

#### 4.1 Ser LGBT em Aracaju

[Fragmento 01]

[...] P – Aí eu te pergunto: o que é *ser LGBT*, hoje, em Aracaju?

INF05 – É *uma busca constante pela cidadania*, né? Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais vivem *uma luta plena pela vida*, né? É lutar pela vida, porque continuamos sendo *desrespeitados, ameaçados*, a LGBTfobia continua crescendo, então, *ser LGBT é lutar pela vida*, é continuar tentando se firmar enquanto *cidadãos de direito*, de *sujeitos de direito*, né? É isso o que eu acho, ser LGBT. [...]

Inicialmente, cabe dizer aqui que ser ativista de qualquer movimento social significa adotar uma postura, a um só tempo, desafiadora e empoderada. A imagem prévia que o senso comum guarda de um ativista social pode ser, basicamente, a de “barraqueiro”, “bandoleiro”, “arruaceiro” ou de alguém “forte”, “resistente”, “ousado” e “corajoso”. A partir da expressão referencial “*ser LGBT*” explicitada na pergunta da entrevista, o ativista traz outras expressões linguísticas que fun-

cionam como anáforas recategorizadoras (Cavalcante, 2012), tais como: “*uma busca constante pela cidadania*”, “*uma luta plena pela vida*”, “*desrespeitados*”, “*ameaçados*”, “*lutar pela vida*”, “*cidadãos de direito*”, “*sujeitos de direito*”. Essas expressões recategorizam e/ou transformam a introdução “*ser LGBT*”. Além de elas apontarem para a reativação de um contexto sócio-histórico amplo: a dificuldade de sobrevivência de pessoas LGBT numa sociedade dominada predominantemente pelo discurso cisheteronormativo.

Expressões essas que se somam a dois verbos importantes nesse primeiro fragmento: “viver” (*Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais vivem uma luta plena pela vida, né?*) e “continuar” (*É lutar pela vida, porque continuamos sendo desrespeitados, ameaçados [...]*). O primeiro, marcado no tempo presente e pela 3ª pessoa do plural (vivem), denota certo distanciamento do ativista, levando-nos a perceber como se ele não fizesse parte da comunidade LGBT. No entanto, ele se inclui no segundo verbo (continuamos), o qual demarca, por meio da desinência número-pessoal -mos (1ª pessoa do plural), a sua posição dentro da comunidade, muito antes de se caracterizar enquanto ativista LGBT. Para encerrar a resposta à pergunta do entrevistador, o ativista utiliza a anáfora encapsuladora retrospectiva “*isso*” que, a nosso ver, engloba porções cotextuais cujos sentidos são contraditórios, por exemplo: “*cidadãos de direito*” *versus* “*desrespeitados*”. Aqui estão presentes dois pontos de vista em confronto: a voz do movimento LGBT e a voz/atitude das pessoas LGBTfóbicas.

De início, o uso dessas expressões referenciais pelo enunciador, muito mais para a construção de um *ethos* positivo e sofredor, já nos apela para o *pathos*, ao sentimento de piedade que o entrevistador e a sociedade devem passar a admitir no tocante às dificuldades de sobrevivência das pessoas LGBT. Faz-se uso do *movere* (Ferreira, 2010) no intuito de provocar no auditório o movimento das paixões humanas, da comoção, diante dessa realidade (LGBTfobia). De acordo com a fala desse ativista, além de desrespeitadas, elas são pessoas que lutam para viver e sobreviver, ainda mesmo, sendo “*cidadãos de direito*”, um direito assegurado pela lei no Brasil. Nesse sentido, a pessoa LGBT, segundo o entre-

vistado, possui um direito que é violado diariamente por uma sociedade LGBTfóbica. Essas questões fazem-nos pensar que algo muito errado e injusto continua acontecendo quanto ao cumprimento dos direitos constitucionais das pessoas LGBT neste país.

## 4.2 Combate à LGBTfobia

[Fragmento 02]

[...] P – No caso, como vocês têm combatido a LGBTfobia durante esses anos? [...]

INF05 – Primeiro, assim, deixar claro que *as instituições* como ADHONES, ASTRA e UNIDAS foram *pioneiras em um monte de coisa*, assim, né? Eram *poucas instituições*. Primeiro veio o *Dialogay*, que contribuiu muito, e em consequência do *Dialogay* vieram *outras instituições* como a ADHONES, ASTRA e UNIDAS que foram pioneiras na conquista de lá pra cá, com *a aprovação de leis ou projetos*, como *a primeira lei de combate à homofobia*, que *fui eu mesmo* que *redigi e passei* para a vereadora Rosângela em 2007... *O projeto de lei* foi oficializado pela vereadora Rosângela... [...]

Nesse segundo fragmento, o entrevistado faz uso de expressões referenciais que se repetem pelo menos duas vezes ao longo de seu depoimento como “*as instituições*”, “ADHONES”, “ASTRA”, “UNIDAS”, “*o Dialogay*”. Por meio dessas expressões, ele introduz alguns lugares retóricos, tais como: o lugar da ordem, o lugar da qualidade e o lugar da autenticidade. Os lugares da ordem nos fazem lembrar os lugares da quantidade, pois “afirmam a superioridade do anterior sobre o posterior, ora da causa, dos princípios, ora do fim ou do objetivo” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 105). Por sua vez, os lugares da qualidade priorizam aquilo que é único em oposição ao comum, ao corriqueiro e vulgar, de acordo com esses pesquisadores.

O fato de sempre mencionar a sua instituição como a segunda pioneira no estado sergipano pode levar o coenunciador à compreensão de que a ADHONES é superior às demais instituições LGBT que surgiram depois. Numa radiografia histórica do movimento LGBT em Sergipe, Menezes (2018) observa que a primeira instituição a surgir depois do Grupo *Dialogay* de Sergipe (primeira entidade LGBT de Aracaju) foi a ASTRA (2001), e não a ADHONES (2003). Todavia, podemos também interpretar que esse primeiro lugar

na hierarquia pode ser explicado se, por exemplo, pensarmos que o ativista assume o lugar de fala de presidente da instituição para a qual também foi direcionada a pergunta.

O ativista demarca a ADHONES, a ASTRA e a UNIDAS como as primeiras instituições em Sergipe após a extinção do *Dialogay*, o que nos faz perceber que o *lugar da qualidade*, também, é introjetado em seu discurso retórico, tendo em vista que essas instituições foram “*pioneiras*” em “*um monte de coisa*” e, dessa forma, são únicas, raras, originais em relação às que vieram depois. Na expressão referencial “*instituições pioneiras*”, o ativista realiza a demarcação da segunda palavra por meio de uma ênfase entonacional (DIONÍSIO, 2012), procurando mesmo enfatizar, chamar a atenção do coenunciador, para essa qualidade inerente às três primeiras entidades do movimento LGBT no estado sergipano. Por isso, para além de um marcador conversacional, a ênfase, nesse caso, assume uma característica argumentativa interessante para que o orador possa edificar uma imagem positiva de si e do movimento LGBT do qual faz parte. Vale destacar que a introdução referencial “*um monte de coisa*” produz a anáfora indireta “*a aprovação de leis ou projetos*”, a qual, particularmente, denota insuficiência a um sentido de grandiosidade acerca de várias outras ações implícitas das entidades citadas.

Outra ênfase entonacional argumentativa é utilizada pelo ativista, em seu depoimento, no trecho seguinte: “*fui eu mesmo*”. Aqui, diferentemente de antes, ele enfatiza a dêixis pessoal “*eu*” (primeira pessoa do singular), assumindo também um lugar de autenticidade pelo fato de ter sido o único ativista a executar uma ação importantíssima em prol de toda a comunidade LGBT: elaboração de um projeto de lei que visasse combater a homofobia, ou LGBTfobia. Atrelado a isso também se encontra o lugar derivado do valor da pessoa (Ferreira, 2010), porque esse ativista enaltece a sua própria imagem, considera-se digno de valor e corajoso pela natureza de tal ação. Ele se apresenta indiretamente como um sujeito virtuoso, assumindo a função *areté* (Fiorin, 2018) de um *ethos* positivo. Essa compreensão é reforçada por nós quando lemos os dois verbos que ele cita logo após de

“*fui eu mesmo que redigi e passei para a vereadora Rosângela em 2007*” (ambos na primeira pessoa do singular). Nesse excerto em específico, o ativista constrói uma imagem positiva não do movimento LGBT em geral, mas de si mesmo, apresentando-se como merecedor de créditos.

### 4.3 Formas de contribuição do ativista para a população LGBT

[Fragmento 03]

[...] P – Agora vou fazer uma pergunta que acho que vocêalaria a vida inteira, né, porque tem tudo a ver com o tempo de trabalho que você tem dentro do movimento. A pergunta é sobre como você contribuiu para o movimento LGBT em Aracaju.

INF05 – Nossa Senhora... Hoje *eu* estou no governo também, né? *Eu* estou nas duas instâncias. Nas duas instâncias. É... *Eu* contribuo, mesmo estando hoje nessa instância, dentro do movimento LGBT, *pautando*, nesses espaços de governo, as reivindicações das políticas públicas no âmbito do movimento LGBT. Tipo... Se existe um nome trans, *eu* luto por esse nome trans. Dentro do movimento LGBT, *eu* ainda, nos momentos hoje em que *eu* estou *podendo*, *eu* faço ações junto com a população LGBT no monitoramento como operador de direito. *Eu* estou sempre *monitorando* uma violação, quando *eu* saio dos meus espaços de trabalho, *fazendo* denúncias, acompanhando essas violações, *encaminhando* processos de monitoramento de agressão física e moral, *acompanhando* também a pasta, *monitorando* as políticas públicas dentro do governo municipal e estadual, qual é o principal foco para promover a política pública da população LGBT... *Eu* teria *n* focos para dizer como *eu* poderia contribuir...

P – É, e você já contribuiu muito, né?

INF05 – MUITOOOO... E continuo *contribuindo*. Hoje, em duas esferas: municipal, no governo, e na gestão, que também ambas podem estar interligadas, uma com a outra. Mas *eu* acho que se *eu* fosse resumir em uma palavra, *eu* poderia dizer que *eu* contribuo como operador de direito... que está sempre *monitorando*, que está sempre *acompanhando*, que está sempre *fiscalizando* qual é essa demanda... [...]

É marcante o uso da primeira pessoa do singular “*eu*” nesse terceiro fragmento do depoimento. Desaparece de cena o uso da coletividade característica do movimento social LGBT, ao qual o ativista tinha feito menção, ainda que por poucas vezes, nos fragmentos anteriores. A expressão dêitica pessoal “*eu*” funciona também como uma anáfora correferencial (CAVALCANTE, 2012), pois ambas retomam e permitem localizar, sem sombra de dúvidas, o sujeito que fala construindo o seu *ethos*. O objeto de discurso atribuído ao ativista acaba por permanecer o tempo inteiro na memória do entrevistador/auditório. Isso significa uma artimanha persuasiva do orador em busca de produzir sentidos positivos sobre as várias ações que ele mesmo enumera e se lhe imputa

em suas duas esferas de trabalho: governo e movimento LGBT (*Hoje eu estou no governo também, né? Eu estou nas duas instâncias. É... Eu contribuo, mesmo estando hoje nessa instância, dentro do movimento LGBT [...]*).

Somando-se o uso de repetições do dêitico pessoal “*eu*” com uma enumeração de várias ações realizadas (*Dentro do movimento LGBT [...]. Eu estou sempre monitorando uma violação, [...] fazendo denúncias, acompanhando essas violações, encaminhando processos, [...]*), a partir do uso de verbos de ação no gerúndio, significando valores positivos em prol da comunidade LGBT, o ativista, nessa passagem, coloca-se novamente não apenas no lugar da qualidade, mas também nos lugares da quantidade - verbos de ação que podem ser encapsulados pela expressão “*n* focos” (em “*Eu teria n focos para dizer como eu poderia contribuir [...]*”) e o lugar da essência (superioridade em relação ao trabalho de outros ativistas LGBT da mesma região). Em primeiro lugar, os lugares da quantidade dizem respeito àqueles em que “alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas” (PERELMAN; OLBRECHT-S-TYTECA, 1996, p. 97). Por seu turno, esses autores apregoam que o lugar da essência é aquele ao qual se atribui um valor superior a sujeitos representantes de determinada essência. Dessa maneira, a marcação da enumeração de ações, das repetições e dos dois locais de atuação política e social do ativista colocam-no num lugar de status (FERREIRA, 2010) e numa hierarquia que só lhe indicam para a construção de um *ethos* positivo, e, por que não dizer, até um *ethos* heroico.

Nesta análise, grosso modo, atestamos que uma análise das predicções dos objetos de discurso, uma característica de segunda tendência em referenciação (CUSTÓDIO FILHO, 2012), facilita a investigação sobre o trabalho da construção referencial realizada pelos sujeitos sociais em suas interações argumentativas, pois nos distanciamos, parcialmente, da onipotência dos sintagmas nominais e atribuímos valores a outros usos linguísticos (a exemplo de verbos) e aos aspectos sócio-históricos, que estabelecem significativa relevância na observação que o contexto situacional de elaboração de referentes pode deles se valer. Vamos agora para a leitura e análise do fragmento do quarto mote temático:

#### 4.4 Acompanhamento sócio-jurídico às pessoas trans

[Fragmento 04]

[...] P – E agora, acho que o que mais você tem feito é acompanhar mais o pessoal trans, né, por causa da retificação do nome?

INF05 – É. Também. Mas *eu tenho feito muito mais do que isso*. Por exemplo... *Eu não sei se cabe, porque eu sou do governo, mas também sou do movimento*. Mas, como governo, hoje, nós temos... *quinze travestis* inseridas em programas sociais da prefeitura, recebendo Bolsa Família, entendeu? Nós temos... *quatro LGBTs* recebendo... energia mais barata, nós temos... trans que fizeram... ENEM através do CadÚnico, que nós fizemos...

Nesse quarto fragmento do depoimento, o orador/ativista reforça tudo o que disse anteriormente por meio da seguinte afirmação: “*eu tenho feito muito mais do que isso*”. Com a anáfora encapsuladora retrospectiva “*isso*”, o ativista aponta para uma série de porções cotextuais e informações já enunciadas, bem como faz suscitar, em nossa mente, uma gama de expectativas sobre mais ações realizadas por ele quanto ao atendimento às pessoas trans em seu local de trabalho no governo. Num momento anterior, o ativista afirmara estar de forma equilibrada em duas instâncias (governo e movimento LGBT), mas, desta vez, ele estabelece uma espécie de hierarquia que parece situá-lo predominantemente no governo.

Lembremos que o seu local de origem é o movimento LGBT que nasceu na periferia, o *locus* da força popular, conforme disse em outros momentos da entrevista. Não é à toa que ele segue afirmando isso, posto que em vários momentos a seguir ele discorra mais a respeito do seu trabalho dentro da DDH, um órgão do governo municipal. Talvez o fato de ele se situar nessas duas instâncias, no momento atual, faça-o se contradizer quanto ao contexto de pertença efetiva, de seu real lugar na atuação política em prol da população LGBT, pois ele chega a realizar, no início de sua resposta à nossa pergunta, este recuo: “*Eu não sei se cabe, porque eu sou do governo, mas também sou do movimento*”. Com base no que analisamos, é possível perceber a construção de

pelo menos dois *ethé* do ativista, um dentro do governo e outro no movimento LGBT.

As introduções referenciais “*quinze travestis*” e “*quatro LGBTs*” são informações quantitativas, isto é, indicam lugares da quantidade, e o ativista imputa valores positivos quanto a elas para que construa um *ethos* positivo de si. Tais expressões trazem informações a respeito de mais ações executadas pelo ativista na DDH e são uma resposta às expectativas desencadeadas pela anáfora encapsuladora retrospectiva “*isso*” (*Mas eu tenho feito muito mais do que isso*) expressa nesse enunciado, e que, na continuidade referencial do depoimento, ganha destaque também como anáfora encapsuladora prospectiva. Os dados quantitativos elencados nesse fragmento servem para credibilizar as ações do ativista não apenas no movimento LGBT, mas também em sua atuação na esfera governamental em prol dos direitos da população LGBT sergipana.

#### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos fragmentos do depoimento de INF05, observamos que, tanto os sintagmas nominais quanto as suas predicções, ora funcionando como processos referenciais, ora funcionando apenas para indicar e produzir certos efeitos de sentido em favor de diversas estratégias argumentativas (lugares retóricos, ênfases), servem para comprovar a dinamicidade das atividades de referenciação numa perspectiva socio-cognitivo-interacional. Além disso, compreendemos que nem as expressões referenciais isoladas nem apenas as estratégias argumentativas mobilizadas pelo ativista LGBT são autossuficientes para uma construção eficaz de um *ethos* positivo de si, tampouco para apelar ao *pathos* do auditório e alcançar a persuasão desejada com relação ao trabalho que vem sendo executado por ele em prol da comunidade LGBT na capital sergipana. A conjunção desses diversos fatores é que contribui para uma reflexão mais completa sobre a construção dos *ethé* dos enunciadores em seus discursos voltados à defesa de direitos humanos e às questões sociais e políticas do cotidiano das pessoas LGBT.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Trad. Ângela M. S. Corrêa. et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica**. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. 15. ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.
- BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. Linguística textual e sociolinguística. In: SOUZA, E. R. F. de.; PENHABEL, E.; CINTRA, M. R. (Org.). **Linguística textual: interfaces e delimitações – homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 258-301.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 44, Campinas, p. 105-118, jan./jun. 2003.
- \_\_\_\_\_. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- \_\_\_\_\_. Abordagens da argumentação nos estudos de linguística textual. **ReVEL**, edição especial, vol. 14, n. 12, 2016. p. 106-124 [www.revel.inf.br].
- CUSTÓDIO FILHO, V. Reflexões sobre a recategorização sem menção referencial anafórica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v.12, n.3, p. 839-858, set./dez.,2012.
- DIONÍSIO, A. P. Análise da conversação. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2, 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 81-112.
- FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Linguagem e Ensino).
- FIORIN, J. L. **Argumentação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- GRÁCIO, R.; MOSCA, L. S. A importância da nova retórica para a compreensão de textos opinativos. **ReVEL**, edição especial, v. 14, n. 12, 2016. p. 31-43 [www.revel.inf.br]
- HANKS, W. O que é contexto. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. R. (Org.). **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bordieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008 [1989], p. 169-203.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2011.
- LIMA, G. O. S. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória e Cultura, v. 12, n. 22 (2018) [https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/issue/view/638]
- MARCUSCHI, L. A. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 61-81.
- \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARIANO, M. R. C. P. Imagens discursivas e valores no futebol brasileiro. In: BERNARDO-SANTOS, W. J.; TFOUNI, F. E. V. (Org.). **Discurso, mídia e ensino: entrecruzamentos de abordagens**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016. p. 215-239.
- MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. vol.3, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 439-473.
- MENEZES, M. L. **Avanços, lutas e desafios: trajetórias do movimento LGBT de Sergipe**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Inclusiva) - Faculdade Jardins, Aracaju, 2018.
- MEYER, M. **Questões de retórica: linguagem, razão e sedução**. Lisboa: Edições 70, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- MORAIS, T. C. de. **Estratégias de referenciação: o encapsulamento anafórico como um processo de reelaboração de objetos de discurso no gênero editorial**. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SANTANA, I. M. **O acordo retórico e a construção textual da persuasão: o discurso político**. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

## OS AUTORES

**Samuel de Souza Matos** é mestrando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: ssmatos20@gmail.com

**Geralda de Oliveira Santos Lima** é Professora-associada do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Tem experiência nas áreas de Linguística e de Língua portuguesa, com ênfase em Linguística de Texto. E-mail: geraldalima.ufs@gmail.com

